

Acordo com a Inglaterra libera linha de crédito do Unibanco

por Cynthia Malta
de São Paulo

O acordo bilateral com a Inglaterra do reescalonamento da dívida externa brasileira, fechado na última sexta-feira em Londres, era o sinal verde esperado pelo Unibanco para operar a linha de crédito comercial de médio prazo com recursos britânicos no valor de US\$ 10 milhões. Três pedidos de financiamento para importação de produtos ingleses, que comprometem cerca de 50% da linha, já estão sendo analisados.

Essa linha, que conta com recurso do banco privado inglês J. Henry Schroder Wagg & Co. e garantia do Departamento de Garantias de Créditos à Exportação (ECGD) — agência do governo britânico foi aprovada no início de dezembro e faz parte de um pacote de negociações mantidas há mais de um ano com a Inglaterra, Alemanha e França. O diretor-executivo da área internacional do Unibanco, Flávio Magalhães Veras, diz que nos próximos meses estarão concluídas as conversações com os bancos alemães e franceses; cujos recursos para financiar importações brasileiras deverão somar cerca de US\$ 20 milhões.

O Unibanco já acertou a negociação com a Hermes e a Cofaz, agências oficiais

de crédito alemã e francesa respectivamente. A assinatura dos contratos está dependendo de qual banco privado irá participar da operação. Contatos semelhantes estão sendo mantidos há cerca de seis meses com a Espanha, Canadá e Itália, sendo que estes dois últimos aguardam uma renegociação da dívida externa brasileira mais ampla

para avançar nas conversações, explica Veras.

As condições de pagamento a ser negociadas com esses países deverão seguir o padrão obtido com a linha de crédito britânica, com algumas particularidades. A taxa de juros cobrada pela ECGD (determinada pela Organização para Cooperação Econômica e Desenvolvimento com

revisão prevista para 15 de janeiro próximo) é de 9,15% ao ano, devendo ser paga semestralmente juntamente com as parcelas do principal do empréstimo. O prazo de pagamento varia de 2 a 5 anos e a operação cobre 85% do valor total da importação, sendo que 15% o importador deve pagar a vista.

Veras diz que esse tipo de linha, ainda escasso no mercado, tem tido muita procura. "Apenas anunciamos a abertura da linha e já temos em análise três pedidos que consomem 50% dos recursos", afirma. As três operações referem-se à importação de peças para indústria aeronáutica, equipamentos para a Petrobrás e equipamentos hospitalares.

O interesse dos empresários na obtenção de financiamentos de médio e longo prazo tem aumentado, segundo Veras, em função de três fatores: "a política de importação do governo tem sido mais liberal, o câmbio está mais favorável ao importador e as empresas estão líquidas para iniciar investimentos". Veras lembra, ainda, que a renovação do parque industrial brasileiro é uma necessidade inadiável. "Mesmo com a expectativa de recessão neste ano, os empresários tendem a importar máquinas, pois é uma espécie de 'hedge' dolorizado", acredita o diretor do Unibanco.